

## “EU, INTERSEXO...”: REFLEXÕES SOBRE INTERSEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS

### “I, INTERSEX ...”: REFLECTIONS ON INTERSEXUALITY IN SCIENCE TEACHING

Bruno Tavares<sup>1</sup>

#### Resumo

Neste estudo, analiso a construção e desenvolvimento de uma sequência didática sobre a temática de intersexualidade, voltada para estudantes do 8º ano do ensino fundamental. A elaboração e análise da sequência didática foram embasadas nos estudos feministas e de gênero, com foco nas feministas biólogas. O objetivo da sequência foi problematizar o binário rígido masculino/feminino, a partir da discussão sobre casos de intersexualidade. Por meio desta prática pedagógica, constatei que as/os discentes refletiram sobre o binário maculino/feminino, seja no estudo anatômico-fisiológico intersexual, ou quando entraram em contato com reivindicações políticas do movimento intersexual brasileiro. Enfim, é preciso discutir mais sobre intersexualidade no ensino de ciências, abarcando as diversidades intersexuais como possibilidades fora do viés patológico.

**Palavras-chave:** Educação em Ciências; Epistemologia Feminista; Educação Sexual.

#### Abstract

In this study, I analyze the construction and development of a didactic sequence on the intersexuality theme, aimed at students in the 8th year of elementary school. The elaboration and analysis of the didactic sequence were based on feminist and gender studies, with a focus on feminist biologists. The sequence's objective was to problematize the rigid male/female binary, based on the discussion of intersexuality cases. Through this pedagogical practice, I found that the students reflected on the male/female binary, whether in the intersexual anatomical-physiological study, or when they came into contact with political claims of the Brazilian intersexual movement. Finally, it is necessary to discuss more about intersexuality in science teaching, embracing intersex diversities as possibilities outside the pathological bias.

**Keywords:** Science Education; Feminist Epistemology; Sexual Education.

\*\*\*

*Eles [corpos intersexuais] não cabem naturalmente em classificações binárias; só o instrumento cirúrgico pode fazê-los caber.*  
(Anne Fausto-Sterling, 2002)

## 1 Fundamentação Teórica

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGECT/UFSC). Professor de Ciências e de Biologia na Rede Estadual de Santa Catarina. E-mail: [brunotavares33@hotmail.com](mailto:brunotavares33@hotmail.com).

As temáticas de gênero e/ou sexualidade têm ocupado cada vez mais espaço no contexto da área de pesquisa em Educação em Ciências e Biologia (Andréa Silene Alves Ferreira MELO, 2017; Raquel PINHO; Felipe BASTOS, 2019). Nesse sentido, concordamos que

[...] o Ensino de Ciências se configura como espaço privilegiado para que novos sentidos possam ser construídos com relação aos sujeitos LGBT, buscando o reconhecimento das orientações sexuais homo e bissexual e das diversas possibilidades de vivência da identidade transgênera. (Leandro Jorge COELHO; Luciana Maria Lunardi CAMPOS, 2015, p. 908)

Acrescentamos à citação anterior, a importância de reconhecer e visibilizar a vivência das pessoas intersexuais, como fazendo parte das diversidades corporais, sexuais e de gênero que podemos discutir na escola.

O conceito de intersexualidade é um terreno de disputa entre diversas áreas como biologia, medicina, por instâncias jurídicas e mesmo pelos movimentos sociais de pessoas intersexo (Luciana Aparecida Siqueira SILVA; Elenita Pinheiro de Queiroz SILVA, 2021). No presente trabalho e na sequência didática desenvolvida, concebemos pessoas intersexuais como aquelas que nascem com variações da anatomia sexual, que incluem genitais, gônadas, respostas aos hormônios esteróides (ou hormônios ditos sexuais), configuração genética e/ou características sexuais secundárias atípicas (Claire AINSWORTH, 2015; Felipe BASTOS, 2019).

Quanto à intersexualidade no ensino de ciências, Felipe Bastos e Marcelo Andrade (2016), Felipe Bastos (2019), alertam-nos em relação à certas abordagens limitantes do tema, por exemplo, argumentando que

O currículo tradicional de Ciências e Biologia nega a existência intersexual de duas formas: a primeira, direta, por meio da *ocultação desta possibilidade de vida*; a segunda, indireta, ao *reduzir a diversidade não-binária[...], apenas pelo vies patológico* e de distúrbios dos corpos. (Felipe BASTOS; Marcelo ANDRADE, 2016, p. 62, grifos meus)

Sendo assim, no contexto desse relato de experiência, pude construir uma sequência didática que problematiza essas perspectivas ora de invisibilização, ora de patologização. Em reforço a essa discussão, Luciana Aparecida Siqueira Silva e Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (2021) analisaram livros didáticos de Biologia e evidenciaram que esses recursos didáticos também acabam reiterando a narrativa patologizante no que tocam os corpos intersexo. Dessa maneira, é frequente a classificação desses corpos como *distúrbios* de desenvolvimento sexual, baseada no binarismo rígido masculino/feminino. Em contraponto a essa perspectiva, utilizarei a nomenclatura *diferenças* de desenvolvimento sexual, para questionar o viés patológico mencionado anteriormente.

Nessa linha, referenciais dos estudos feministas e de gênero também foram essenciais para embasar a construção da sequência didática e sua posterior análise, como desenvolvemos adiante. Nesse estudo, destaco a importância das epistemologias feministas, em especial aquelas desenvolvidas por autoras ligadas às biociências, que buscam trazer a crítica feminista e de gênero para o campo das Ciências Biológicas, sendo denominadas feministas biólogas (Marina Fisher NUCCI, 2018).

Entre as feministas biólogas podemos citar autoras como Anne Fausto-Sterling, Donna Haraway, Evelyn Fox Keller, Nelly Oudshoorn, entre outras (Marina Fisher NUCCI, 2018). Segundo Marina Fisher Nucci (2018), as feministas biólogas constroem as relações de sexo e gênero para além dos dualismos tradicionais que colocam o “biológico” como antítese das questões relacionadas a gênero, algumas vezes utilizando o termo sexo/gênero. Entre essas autoras, Anne Fausto-Sterling ganha destaque nesse trabalho, uma vez que ela possui investigações que abordam o espectro sexual humano, além de fazer críticas aos modelos binários rígidos de sexo/gênero (Anne FAUSTO-STERLING, 1993, 2000a, 2000b).

Desde os anos 1990, a autora sustenta que o sexo biológico humano não cabe apenas no binário masculino e feminino, defendendo inicialmente a existência de pelo menos cinco sexos, de modo a construir a ideia de sexo como um espectro (Anne FAUSTO-STERLING, 1993). No início deste século, junto a colegas pesquisadoras/es, ela revisou a literatura médica de 1955 até meados dos anos 2000, apontando que os casos de intersexo abarcam cerca de 17 em cada 1000 nascidos vivos (cerca de 1,7%) (Anne FAUSTO-STERLING, 2000a). Na atualidade, de acordo com Claire Ainsworth (2015), as estimativas mais abrangentes apontam a prevalência da intersexualidade em cerca de 1 a cada 100 nascimentos (Claire AINSWORTH, 2015).

Além desses aspectos, considero importante destacar algumas reflexões teóricas que buscam explicitar como a cisheteronormatividade está ligada à própria concepção binária de sexo/gênero. Nessa linha, Judith Butler (2017) chama de matriz heterossexual essa estrutura rígida dentro da qual sexo/gênero se encontra na sociedade. Nesse contexto, há um alinhamento entre: sexos (masculinos e femininos, radicalmente separados), gêneros (homem e mulher, em oposição) e desejo sexual (heterossexual). Ou seja, a obrigatoriedade da heterossexualidade é o que mantém a rigidez binária de sexo/gênero, já que essa binariedade é essencial para a manutenção desse sistema heteronormativo (Judith BUTLER, 2017).

Para a autora, gênero deve ser compreendido dentro dessa estrutura heteronormativa que restringe os modos de expressão, com fins de manter uma coerência entre sexo-gênero-desejo sexual que reitere a heterossexualidade. Assim sendo, as diversidades sexuais, corporais e de gênero que não performatizam sexos/gêneros ou práticas sexuais alinhadas à heterossexualidade com fins reprodutivos, acabam sendo colocadas como abjetas dentro dessa matriz heterossexual (Judith BUTLER, 2017).

Em diálogo com essas reflexões, Anne Fausto-Sterling (2002) afirma que, tendo em vista essa matriz heterossexual, cada vez que tentamos nos voltar ao corpo material, já o abordamos com categorias de sexo impregnadas com certas concepções de gênero (Anne FAUSTO-STERLING, 2002; Judith BUTLER, 2017; 2018).

Tendo em vista o contexto apresentado, descrevo e analiso uma sequência didática sobre intersexualidade desenvolvida com uma turma do 8º ano de uma escola estadual em São José (SC). Este trabalho tem como objetivo geral oportunizar reflexões sobre a abordagem do tema na educação em ciências, por meio do relato e análise do planejamento e desenvolvimento de uma sequência didática, ressaltando a importância dessas discussões para uma educação em ciências que abarque as diversidades sexuais humanas para além do binário feminino/masculino.

## 2 Aspectos Metodológicos

A seguir, apresento aspectos relacionados à construção da sequência didática, bem como da sua análise.

*O contexto:* a sequência didática foi desenvolvida com uma turma de 8º ano do ensino fundamental, em uma escola estadual de São José (SC). De maneira geral, a idade das/os estudantes variam de 13 a 17 anos, e a turma abriga em torno de 30 pessoas, no período vespertino. Quanto à distribuição semanal de aulas, há dois momentos de encontro: um dia com aula de 45 minutos, e outro dia com duas aulas seguidas, totalizando 90 minutos.

*A estrutura da sequência didática:* a organização da sequência didática foi inspirada na ideia dos ganchos curriculares propostos por Felipe Bastos (2015). O autor identificou três modos pelos quais docentes de biologia abordam diversidades sexuais e de gênero em suas aulas: pelo conflito, por ação isolada ou via gancho curricular (Felipe BASTOS, 2015). Segundo o autor, "o gancho curricular é um artifício válido, integrador de saberes e temas menos valorizados que podem encontrar espaços e ganhar legitimidade no cotidiano escolar através das associações, dos ganchos." (Felipe BASTOS, 2015, p. 146).

Alguns aspectos das epistemologias feministas fundamentam essa sequência didática, em especial aquelas voltadas às Ciências Biológicas, sendo denominadas feministas biólogas (Marina Fisher NUCCI, 2018). Por exemplo, essas autoras abordam em seus estudos, a relevância de discutirmos a materialidade biológica, a partir de olhares feministas, fugindo de ideias deterministas biológicas, mas sem, tampouco, recair em determinismos sociais (Marina Fisher NUCCI, 2018). Em especial, os estudos de Anne Fausto-Sterling sobre o espectro sexual humano, fundamentaram teoricamente a construção e análise da sequência didática, como já mencionado anteriormente.

No quadro 1, apresento a organização das aulas acerca da temática, as quais têm como objetivo geral problematizar o binário rígido masculino/feminino, por meio da discussão sobre a anatomo-fisiologia intersexual e sobre as reivindicações do movimento intersexo brasileiro.

Quadro 1 – Organização da sequência didática sobre intersexualidade.

Aula (tempo)	Descrição das atividades	Objetivos de aprendizagem
Intersexualidade a partir de dois casos (90 min)	Nessa aula, trouxe inicialmente uma explicação sobre o que é sexo biológico e as camadas do sexo biológico (genital, gonadal, hormonal e cromossômico). Em seguida, discutimos sobre o conceito de intersexualidade e apresentei dois casos reais (de Maria Patiño e de <i>Guevedoces</i> <sup>2</sup> ), visando ilustrar diferentes tipos de condições intersexo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender os componentes que formam o sexo biológico, vislumbrando a existência de corpos intersexuais, a partir de sua anatomo-fisiologia;</li> <li>- Entender os limites do binário feminino/masculino para definir o sexo humano, repensando-o como possibilidade única de existência.</li> </ul>
Com a palavra: pessoas intersexo (45 min)	A aula ocorreu através do debate sobre as demandas, sentimentos e inquietações apresentadas em três vídeos, onde pessoas intersexo brasileiras falam sobre sua condição e as implicações sociais dela.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar, por meio dos relatos de pessoas intersexuais brasileiras, algumas de suas demandas e inquietações.</li> </ul>
Atividade da carta: “Eu, intersexo...” (90 min)	Nessa aula, as/os estudantes foram orientadas/os quanto à atividade de escrita de uma carta, denominada “Eu, intersexo...”. Nela, as/os discentes fizeram o exercício de se imaginarem enquanto pessoas intersexo, devendo apresentar à pessoa destinatária da carta os seguintes elementos: o que é intersexo, que tipo de intersexo é, bem como contar alguns desafios sociais que enfrenta por ser uma pessoa intersexual.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mobilizar, por meio da escrita de uma carta, aspectos relacionados à anatomo-fisiologia intersexo e às implicações sociais que recaem sobre esses corpos.</li> </ul>
Roda de Conversa (45 min)	De modo a finalizar a sequência didática proposta, fizemos uma roda de conversa, na qual trouxe alguns apontamentos, a partir do conteúdo das cartas, de modo a aprofundar as discussões sobre o que é ser intersexo em nossa sociedade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar algumas demandas advindas das vivências intersexo, refletindo sobre as implicações sociais dessa condição em nossa sociedade.</li> </ul>

**Fonte:** Elaboração do autor (2022).

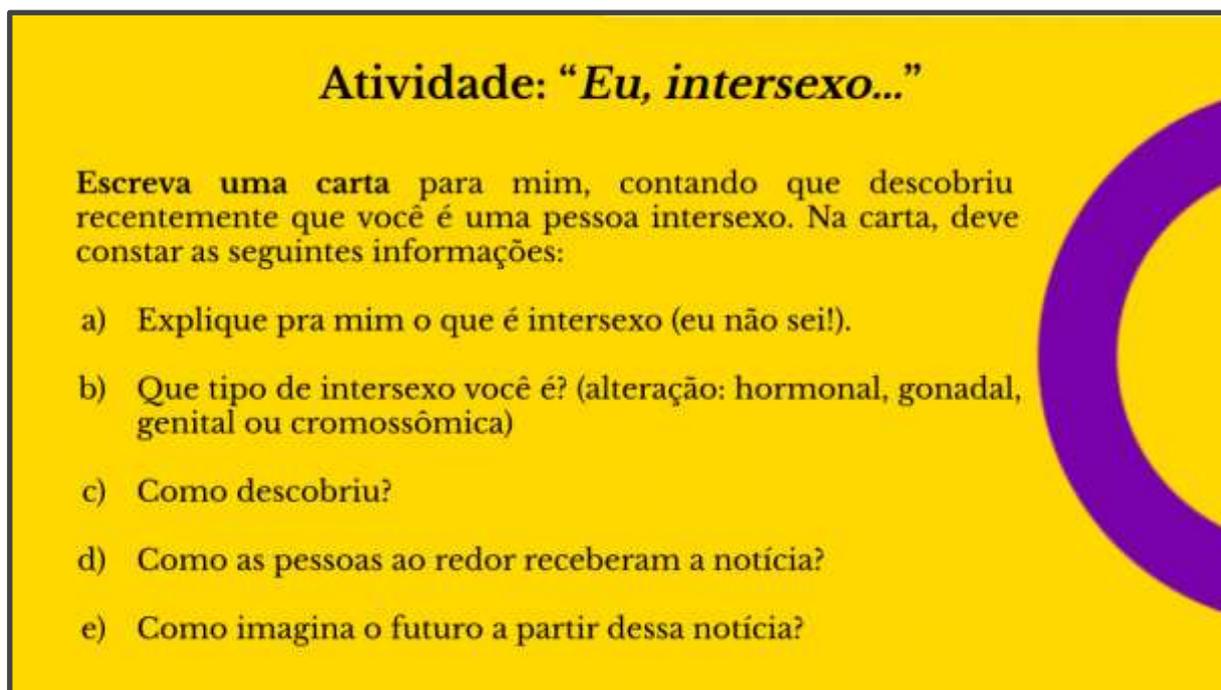
<sup>2</sup> Para saber mais informações sobre o caso dos *Guevedoces*, consultar Michael MOSLEY (2015).

De modo a apresentar o sexo biológico humano como um espectro e não como um binário rígido, discutimos a anatomo-fisiologia intersexual, apreciando as várias camadas do sexo biológico (cromossômico, hormonal, gonadal, genital interno e externo) e as diferenças de desenvolvimento sexual (Anne FAUSTO-STERLING, 2012). De modo a ilustrar essas condições, trouxe dois casos de intersexualidade humana: o caso da corredora Olímpica Maria Patiño, descrito em Anne Fausto-Sterling (2002) e o caso das/os *Guevedoces* da República Dominicana (Julianne IMPERATO-MCGINLEY; Yuan-Shan ZHU, 2002; Joan ROUGHGARDEN, 2005).

Além disso, busquei discutir outros aspectos, tais como algumas reivindicações do movimento intersexual brasileiro. Para tanto, assistimos três vídeos (ITAÚ CULTURAL, 2018; Amiel VIEIRA, 2018; Carlos Henrique OLIVEIRA, 2019), que trazem alguns pontos há muito defendidos pelo movimento intersexo (autodeterminação de gênero, direito sobre o próprio corpo, etc), além de escutarmos a voz das próprias pessoas intersexo falando sobre suas existências.

Após esses dois momentos, realizamos uma atividade de escrita de carta, denominada “Eu, intersexo...”. Durante a aula, as/os estudantes receberam as orientações que constam na figura 1. A atividade foi realizada individualmente.

Figura 1 – Orientações da atividade de escrita da carta: “Eu, intersexo...”.



**Atividade: “Eu, intersexo...”**

Escreva uma carta para mim, contando que descobriu recentemente que você é uma pessoa intersexo. Na carta, deve constar as seguintes informações:

- Explique pra mim o que é intersexo (eu não sei!).
- Que tipo de intersexo você é? (alteração: hormonal, gonadal, genital ou cromossômica)
- Como descobriu?
- Como as pessoas ao redor receberam a notícia?
- Como imagina o futuro a partir dessa notícia?

**Fonte:** Elaboração do autor (2022).

Para finalizar, realizamos uma roda de conversa, de modo a sintetizar as discussões feitas na sequência didática. Para a dinâmica dessa aula, fui exemplificando nossas discussões a partir do conteúdo das cartas, aprofundando as implicações sociais da condição intersexual em nossa sociedade.

*Construção e análise dos dados:* Por fim, resalto que trarei para a discussão alguns elementos que surgiram no planejamento da sequência didática, mas também na roda de conversa com as/os estudantes ao fim do processo, na qual vários aspectos trazidos nas cartas desenvolvidas por elas/es foram explicitados e discutidos. Como forma de registro desses aspectos, fiz anotações durante e após as rodas de conversas, trazendo os principais pontos de discussão. Esses registros foram organizados em um ficha de análise que objetivou dialogar as discussões realizadas aos referenciais dos estudos feministas e de gênero, de modo a analisar os principais aspectos que surgiram durante o desenvolvimento da sequência didática. Por exemplo, foram destacados aspectos de discussão ligados aos *conceitos de intersexualidade* (Anne FAUSTO-STERLING, 1993; 2000a; Felipe BASTOS, 2019), *questões legais e intersexualidade* (Claire AINSWORTH, 2015) e *a patologização dos corpos intersexo* (Anne FAUSTO-STERLING, 2000a; Felipe BASTOS, 2019). Enfim, essas análises serão discutidas na seção a seguir.

## 2 Algumas reflexões...

De início, vale pontuar que as/os estudantes mobilizaram em suas cartas o conceito de intersexo que discutimos em aula, de modo que foi possível verificar que elas/es apreenderam a ideia de sexo biológico para além do binário macho-fêmea, aproximando-se da ideia de um espectro sexual. De maneira geral, as/os discentes apresentaram em suas cartas conceitos de intersexo próximos à ideia de que “a pessoa intersexual é aquela que nasce com características sexuais, tais como genitais, gônadas e padrões cromossômicos ambíguos, ou seja, não se encaixam nas noções binárias de corpos masculinos e femininos.” (Felipe BASTOS, 2019, p. 41).

Nessa linha, considero importante o movimento de ampliar os binários macho-fêmea, homem-mulher, para pensarmos acerca de espectros de sexo/gênero. Isso porque, muitas vezes, o currículo de Ciências do ensino fundamental, acaba reforçando esses binários como possibilidades únicas (Dhemersson COSTA; Carlos SILVA, 2017). No relato de experiência apresentado por Dhemersson Costa e Carlos Silva (2017), fica evidente que a disciplina em questão, muitas vezes, é

[...] respaldada sob os pilares rígidos do método científico, estas Ciências ditas “maiores”, acabam por provocar generalizações, bifurcações... Homem, Mulher, Masculino, Feminino, Macho, Fêmea. Binarismos impostos pela ciência régia que congela um possível abalo do sexo. Restringindo-o apenas para procriação e explicações biológicas. (Dhemersson COSTA; Carlos SILVA, 2017, p. 100)

Apesar de concordamos com a crítica apresentada na citação anterior, demarcamos que as “explicações biológicas” citadas pelos autores, na verdade fazem referência a certas perspectivas deterministas biológicas e restritas a aspectos anatomo-fisiológicos. Contudo, a biologia não se reduz a esses aspectos e possui outras perspectivas, as quais fazem crítica a

essas posturas deterministas, como é o caso das perspectiva das feministas biólogas (NUCCI, 2018).

Nessa linha, desde os anos 1990, a feminista bióloga Anne Fausto-Stelring argumenta que o sistema de dois sexos presentes em nossa sociedade é inadequado para se referir ao espectro sexual humano (Anne FAUSTO-STERLING, 1993; 2000a). Em relação a essa ideia de espectro sexual humano, Anne Fausto-Sterling (2012; 2019) aborda o modelo do sexo em camadas, proposto por John Money e colaboradores, de modo a ressaltar que o sexo é bastante complexo e que cada uma dessas camadas poderia se desenvolver independentemente. Nessa linha, discutimos em sala o fato de que nem todas as condições intersexuais são manifestadas diretamente nos órgãos genitais externos, mas algumas fazem referência à conformações hormonais e cromossômicas que não se enquadram no binário macho-fêmea. Por exemplo, no caso de Maria Patiño, a corredora olímpica só teve ciência de sua condição intersexual ao realizar um teste de cariótipo, onde se evidenciou a presença de cromossomos XY, os quais não eram esperados, tendo em vista o fenótipo considerado feminino da corredora (Anne FAUSTO-STERLING, 2002).

Em contraponto, vimos que certas condições intersexo se manifestam nos órgãos genitais externos, seja no caso de genitália ambígua ou mesmo no caso dos *Guevedoces*. Discutimos em sala que na República Dominicana algumas crianças identificadas como meninas no nascimento e socializadas como tal, ao entrar na puberdade, apresentaram o crescimento de um pênis e descida de testículos, sendo denominados de *Guevedoces* (“pênis aos 12”) (Julianne IMPERATO-MCGINLEY, Yuan-Shan ZHU, 2002; Joan ROUGHGARDEN, 2005). Esses casos discutidos em sala suscitaram reflexões sobre nossas classificações binários de macho e fêmea, sobre seus limites e sobre como as biodiversidades vão para além desses enquadramentos.

Sendo assim, a reflexão a partir desses casos de intersexualidade serviram bem ao propósito de apresentar os limites da lógica cisheteronormativa, uma vez que os corpos intersexo borram os binarismos corporais (Judith BUTLER, 2017). É nesse sentido que Judith Butler retoma a figura da/o “hermafrodita Herculine”, presente nos textos de Foucault, mencionando que

Herculine não é uma “identidade”, mas a impossibilidade sexual de uma identidade. Embora elementos anatômicos masculinos e femininos se distribuam conjuntamente por seu corpo, e dentro dele, não está aí a verdadeira origem do escândalo. As convenções linguísticas que produzem eus com características de gênero inteligíveis encontram seu limite em Herculine, precisamente porque ela/ele ocasiona uma convergência e desorganização das regras que governam sexo/gênero/desejo. (Judith BUTLER, 2017, p. 54)

A partir desses casos, algumas inquietações foram provocadas. Por exemplo, uma estudante levantou a questão do uso de pronomes no trato à/ao recém-nascidas/os intersexo, uma vez que utilizamos “ele” em referência ao sexo masculino e “ela” para sexo feminino.

Nesse ponto de discussão, conseguimos refletir sobre como a estrutura binária se expressa tanto na organização dos banheiros, categorias olímpicas, mas também na linguagem com a qual nos comunicamos, como aborda Anne Fausto-Sterling, quando fala que “a cultura ocidental está plenamente comprometida com a ideia de que existem somente dois sexos. Inclusive a linguagem nega outras possibilidades [...]” (Anne FAUSTO-STERLING, 1993, p. 80).

Ainda nesse contexto, foi objetivo da sequência didática instrumentalizar as/os alunos com o vocabulário para compreender as várias camadas do sexo biológico, seja em nível hormonal, gonadal, genital e cromossômico. Isso porque, tais expressões aparecem em disputas políticas para reivindicar certas formas de sexo, gênero e sexualidade, como no caso do projeto de lei (PL 2578/2020) que tramita na Câmara dos Deputados desde 2020, proposto pelo deputado Filipe Barros (PSL/PR) e a deputada Major Fabiana (PSL/RJ) que mobiliza esses termos, de modo a determinar que sexo biológico definiria o gênero das pessoas (BRASIL, 2020). Portanto, considero positivo o fato das/os estudantes reconhecerem e manifestarem em suas cartas a existência de diferentes tipos de intersexo, de acordo com a alteração de certa camada do sexo biológico. No entanto, destaca-se que esse aspecto anatomofisiológico foi importante, mas nossas discussões não se encerraram nele.

De modo contrário, essas questões foram desencadeadoras de outras reflexões mais amplas, no que se aproxima de uma ideia de gancho curricular (Felipe BASTOS, 2019). Em trabalho recente, Felipe Bastos (2019) nos apresenta um exemplo de gancho curricular com a temática de intersexualidade, na qual ele utiliza contribuições de Anne Fausto-Sterling. Nesse contexto, a presente sequência didática pretendeu dar continuidade a esse movimento de questionamento do *status quo* cisheteronormativo e binário no ensino de ciências, ao engancha discussões sobre implicações sociais das condições intersexo a aspectos anatomo-fisiológicos dos corpos intersexo. Para tanto, além dos aspectos anatomofisiológicos do sexo biológico, assistimos vídeos para conhecer algumas reivindicações de pessoas intersexo brasileiras.

Outro ponto discutido a partir dos vídeos, tem relação com o registro de recém-nascidos (certidão de nascimento), aos quais cabe dois caminhos: sexo masculino ou sexo feminino. Em contraste a essa situação, pudemos refletir sobre os limites desse sistema binário, a partir de uma reportagem que relata o primeiro caso de mudança na certidão de nascimento de uma pessoa não-binária no Rio de Janeiro (EXTRA, 2020). Na reportagem, ressalta-se que Aoi Berriel, pessoa não-binária, conseguiu modificar sua certidão que passou a constar “sexo não especificado”. A partir desse exemplo, discutimos sobre como recém-nascidas/os intersexo também podem ser abarcados por essa mudança. Nesse sentido, pudemos unir as questões anatômico-fisiológicas desenvolvidas anteriormente às implicações sociais da condição intersexo. Nessa discussão, trouxe uma provocação apresentada por Claire Ainsworth (2015), quando a autora aponta que “[...] se a lei exige que uma pessoa seja do sexo masculino ou feminino, esse sexo deve ser atribuído por anatomia, hormônios, células ou cromossomos, e o que deve ser feito se eles colidirem? (Claire AINSWORTH, 2015, p. 291).”

Com relação à frequência de pessoas intersexo presentes na humanidade, discutimos sobre as dificuldades de apreender esse aspecto, tendo em vista a complexidade das condições intersexo, que fazem referência à inúmeras camadas do sexo biológico, as quais nem sempre

são facilmente identificáveis. Portanto, para além de apresentar uma porcentagem fixa, considere mais importante mostrar a diversidade de conformações anatomo-fisiológicas ligadas à essas condições, com fins de “desmistificar a existência dos corpos não binários” (Felipe BASTOS, 2019, p. 43).

De maneira geral, os vídeos possibilitaram discussões relacionadas à patologização dos corpos intersexo e como as pessoas intersexo são invisibilizadas em nossa sociedade. É a partir daí que pensamos sobre os modos de tratar esses corpos, os quais comumente recebem a denominação de anomalias ou desvios do desenvolvimento sexual. O trecho a seguir, presente no vídeo dos ativistas intersexo (ITAÚ CULTURAL, 2018), trouxe uma ressalva quanto à esse aspecto e causou maiores reflexões com a turma: “Não admitam que as pessoas subjuguem vocês, chamem vocês de anomalia, de aberração. Vocês não são anomalias, nem aberrações. *Vocês são um espectro da biologia, da diversidade biológica, do tanto que a natureza é bonita.*” (grifos meus). É nesse sentido que buscamos (re)pensar as experiências corporais intersexo enquanto parte das (bio)diversidades e não como desvio de uma norma binária (fêmea-macho).

Por fim, pontuo que é necessário problematizar a sinonimização de intersexo com doença. Nessa linha, vale destacar que às vezes algumas doenças acompanham a intersexualidade, contudo, ela em si não é uma doença (Anne FAUSTO-STERLING, 2000). Portanto, o uso de expressões como anomalia ou distúrbio do desenvolvimento sexual foi repensado durante a construção da sequência didática, de modo que utilizei a nomenclatura *diferenças* de desenvolvimento sexual, como questionamento ao viés patológico. Em suma, restringir as condições intersexuais à doença é reforçar uma imagem negativa desses corpos, aspecto que deve ser repensado tendo em uma educação em ciências comprometida com as diversidades.

### **3 Considerações**

De modo geral, a prática pedagógica relatada foi capaz de mobilizar as/os alunas/os em torno da temática intersexualidade, a partir do estudo de conceitos anatomo-fisiológicos dessa condição, bem como de algumas reivindicações do movimento intersexo brasileiro. Enfatizamos que o conceito de camadas do sexo biológico, discutido a partir da leitura que Anne Fausto-Sterling faz dos trabalhos de John Money e colaboradores, foi importante para complexificar a ideia do sexo biológico humano, para além da genitália externa. Além disso, foi possível apresentar o sexo como um espectro, e não como um binário macho-fêmea.

Como limitação, ressalto que o presente relato não trouxe relações mais consistentes com outras categorias sociais das diferenças, tais como: questões etnicorraciais, de classe social, das deficiências, entre outras. Portanto, penso que é possível e desejável que novas pesquisas dialoguem a intersexualidade com esses outros marcadores.

Ainda com relação às limitações encontradas no processo de elaboração e desenvolvimento da presente proposta, destaca-se a falta de materiais didáticos para auxiliar as discussões sobre intersexualidade, para além do caráter patologizante. Sendo assim, é preciso

que mais pesquisas foquem nesses recursos didáticos, de maneira a ampliar abordagens dessa temática neles.

Enfim, sustento que é necessário superarmos modos patologizantes de abordar as condições intersexuais no ensino de ciências e de biologia. Para isso, penso que enganchar ao estudo da anatomo-fisiologia intersexual, discussões sobre as vivências e reivindicações advindas das próprias pessoas intersexo, talvez possa dar suporte para esse empreendimento. Termino esse relato com algumas perguntas que me inquietaram durante e após o processo descrito e analisado aqui: que corpos são inteligíveis no ensino de ciências? Quais vidas importam? Que projetos de sociedade embasam nossas atividades pedagógicas?

## Referências

AINSWORTH, Claire. Sex Redefined. *Nature*, v. 518, 2015. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/518288a.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BASTOS, Felipe. “A diretora sabe que você está trabalhando isso na sala de aula?”: diversidade sexual e ensino de ciências. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: 2022.<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=26508@1>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BASTOS, Felipe. “Eu fico meio sem saber como eu vou falar isso assim, do nada”: currículo, diversidade sexual e ensino de biologia. In: TEIXEIRA, Pedro Pinheiro; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de; QUEIROZ, Glória Regina Pessoa Campello (Org.). *Conteúdos cordiais: biologia humanizada para uma escola sem mordaza*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019.

BASTOS, Felipe; ANDRADE, Marcelo. “Ser mulher não tem a ver com dois cromossomos X”: impactos da perspectiva feminista de gênero no ensino de ciências. *Revista Diversidade e Educação*, v.4, n.8, p. 56-64, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6740>. Acesso em: 13 jun. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei Nº 2578 de 2020. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2252276>. Acesso em: 25 ago. 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/fCSb69yzh8wDm3tWXYsFkS/?format=pdf&lang=pt> .  
Acesso em: 13 jun. 2022.

COSTA, Dhemersson Warly Santos; SILVA, Carlos Augusto Silva. “Que palhaçada é essa?”: um relato sobre a sexualidade no Ensino de Ciências. *Diversidade e Educação*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 96–101, 2018. DOI: 10.14295/de.v5i2.7537. Disponível em:  
<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/7537>. Acesso em: 25 out. 2022.

EXTRA. *Em decisão inédita no Brasil, Justiça do Rio autoriza certidão de nascimento com registro de ‘sexo não especificado’*. 2020. Disponível em:  
<https://extra.globo.com/noticias/rio/em-decisao-inedita-no-brasil-justica-do-rio-autoriza-certidao-de-nascimento-com-registro-de-sexo-nao-especificado-rv1-1-24649959.html> .  
Acesso em: 03 set. 2022.

FAUSTO-STERLING, Anne. The five sexes. *The Sciences*, p. 20–24, 1993.

FAUSTO-STERLING, Anne. The five sexes, revisited. *The Sciences*, 2000a.

FAUSTO-STERLING, Anne. The Sex/Gender Perplex. *Studies in History and Philosophy of Science*, v. 31, n. 4, p. 637–646, 2000b.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, n.17-18, p.9-79, 2002.  
Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644553>. Acesso em:  
13 jun. 2022.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Sex/Gender: Biology in a Social World*. Nova Iorque: Routledge, 2012.

FAUSTO-STERLING, Anne. Gender/sex, sexual orientation, and identity are in the body: how did they get there? *The Journal of Sex Research*, p. 1-27, 2019.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality*. Basic Books: New York, 2020.

IMPERATO-MCGINLEY, Julianne; ZHU, Yuan-Shan. Androgens and male physiology the syndrome of 5alpha-reductase-2 deficiency. *Molecular and Cellular Endocrinology*, v. 1-2, n. 198, p. 51-59, 2002.

ITAÚ CULTURAL. *ATIVISTAS EXPLICAM O QUE É SER INTERSEXO*. Youtube, 20 set. 2018. (5 minutos e 06 segundos). Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=AxgmwbPCqr0&list=LL&index=25>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

MELO, Andréa Silene Alves Ferreira. Operação “pente fino”: um levantamento das publicações sobre gênero, sexualidade e corpo nos ENPEC. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 11, 2017, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ABRAPEC, 2017.

MOSLEY, Michael. *Guevedoces: o estranho caso das 'meninas' que ganham pênis aos 12 anos*. BBC Brasil online. 2015. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150921\\_meninos\\_puberdade\\_lab](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150921_meninos_puberdade_lab). Acesso em: 10 out. 2022.

NUCCI, Marina Fisher. Crítica feminista à ciência: das “feministas biólogas” ao caso das “neurofeministas”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, n. 26, v.1, 2018.

OLIVEIRA, Carlos Henrique. *Como é ser uma pessoa intersexual?* Youtube, 19 jun. 2019. (5 minutos e 27 segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qJK5hy7R7kg&list=LL&index=24>. Acesso em: 13 jun. 2022.

PINHO, Raquel; BASTOS, Felipe. Sentidos de sexualidade nos anais dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (2005-2016). *Ensino em Re-Vista*, v. 26, n. 1, p. 82–99, 2019.

ROUGHGARDEN, Joan. *Evolução do gênero e da sexualidade*. Londrina: Editora Planta, 2005.

SILVA, Luciana Aparecida Siqueira; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Diálogos entre intersexualidade e ensino de biologia. *Diversidade e Educação*, v. 9, n. especial, p. 576–599, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12837>. Acesso em: 12 jun. 2022.

VIEIRA, Amiel. *Amiel Vieira – Todos os Gêneros (2017)*. Youtube, 11 maio 2018. (4 minutos e 34 segundos) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PIHlfpfzvac&list=LL&index=20>. Acesso em: 13 jun. 2022.